



História de Tropeiros

As tropas de burros procedentes de Argentina e Uruguai entraram no Brasil no século XVI através do Rio Grande do Sul. A Argentina trouxe jumentos e éguas da Espanha e foram criados em grandes estâncias nesses países vizinhos. Houve tentativas de levar os burros de navio desde o Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, mas não deram certo, já que os burros sofriam muito durante a viagem, passavam sede, fome e, muitos terminavam morrendo. Também tentaram levar os burros pela praia mas também não conseguiram.

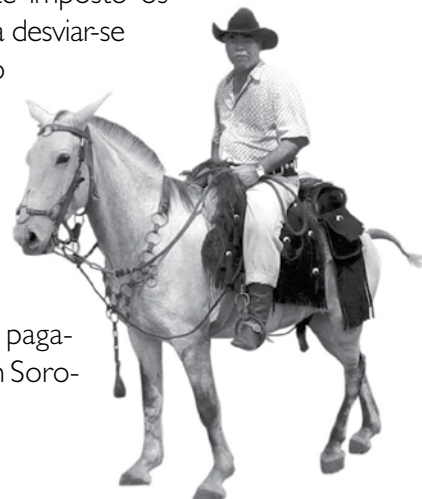
Em 1724 o português Francisco Farias de Sá, que estava trabalhando na construção do Porto de Laguna, em Santa Catarina, propôs abrir uma estrada do Rio Grande do Sul até Curitiba, fez o traçado da estrada, mas os governadores de Santa Catarina, Paraná e São Paulo se opuseram em fazer a estrada por temor de que os assaltantes argentinos, que viviam assaltando os tropeiros, invadissem o Brasil. Posteriormente veio ao Porto de Laguna um outro português, Cristóvão Pereira de Abreu, que se interessou pelo caminho proposto por Francisco Farias de Sá, melhorou o traçado original e conseguiu convencer os governadores em fazer a estrada. Em 1727 Cristóvão Pereira de Abreu iniciou a construção, que levou seis anos e, em 1733 saiu a primeira tropa de dois mil animais entre burros cargueiros, burros soltos e gado bovino, levando carne seca das charqueadas de Rio Grande do Sul para Minas Gerais, onde estavam as minas de extração de ouro, era a época da febre do ouro.

Cristóvão Pereira de Abreu inaugurou o ciclo do tropeirismo do Rio Grande do Sul até São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e algumas tropas foram até o norte e o nordeste. Como as distâncias eram grandes e a demanda de burros

também crescia, em 1757 foi estabelecida uma Feira de Gado Mular em Sorocaba, onde os vendedores e compradores de diferentes regiões se dirigiam para fazer negócios. Esta feira durava três meses e devido a ela Sorocaba, que tinha uma população inicial de 3.500 habitantes, chegou a ter acima de 40.000 moradores, 200 anos depois. Assim, Sorocaba se tornou o centro do tropeirismo. Os animais vinham da Argentina, Uruguai Rio Grande do Sul até Sorocaba, sendo tocados pelos próprios donos, tropeiros, e por ajudantes ou peões. As tropas vinham soltas e os burros cargueiros transportavam carne seca, feijão, farinha.

Ao sair do Rio Grande do Sul, os tropeiros pegavam uma guia para a viagem, em Rio Negro, Santa Catarina, os tropeiros e suas tropas passavam por um registro (não há informações de pagamentos de imposto neste percurso) e com o tempo foi estabelecido o pagamento de um imposto em Sorocaba. Os animais ao chegar, ficavam nas fazendas vizinhas da Cidade, e no momento da venda os tropeiros pagavam um imposto sobre o valor da venda; posteriormente foi também cobrado um imposto pela passagem dos animais, mesmo que eles não fossem vendidos em Sorocaba.

Para evitar este imposto os tropeiros começaram a desviar-se do caminho. Quando chegavam em Buri - SP cortavam caminho, passavam por Bom Sucesso (hoje Paranapanema) e Pardinho. Não houve tentativa de fugir de pagamentos de impostos em Soro-





caba e sim procurar uma nova rota para Minas Gerais. Quando o governo descobriu essa nova rota, decidiu colocar uma porteira. Não há registros de cobrança do animal solto, mas sim das tropas carregadas. Esse lugar foi chamado Tranca de Ferro, que logo deu nome à Fazenda onde foi colocada a porteira (a Tranca de Ferro estava perto das atuais Mel Alvorada e ONG Nascentes).

A Fazenda Tranca de Ferro ocupava uma grande área, desde perto de Pardinho até Rubião Junior em Botucatu. O senhor Jaime Pinto ainda era

seu dono até 1942, depois ele foi vendendo alqueires, vendeu a área onde estão localizadas atualmente a Colônia Santa Marina e a Estância Demétria. A área onde estão a Neiva e o Hospital Psiquiátrico pertencia à Prefeitura de Botucatu. Em 1968 a Prefeitura trocou essa área por um terreno de 241 alqueires a caminho de Pardinho, chamado de Fazenda Monjolão, que atualmente pertence ao Sr. Tamura.

A família, de Maximiliano Conti e Santagava Bosco, que vieram crianças da Itália e se casaram em 1907, se estabeleceram na Fazenda do Ipê, ao lado da Fazenda Tranca de Ferro. Em 1925, eles construíram uma casa (onde atualmente está localizado O Museu do Caboclo). O casal teve 9 filhos (quatro mulheres e cinco homens), sendo que a caçula, Filomena, veio com 12 anos morar na Fazenda (Dona Filomena é mãe dos irmãos Baldini, entre eles Esther e Joaquim "Didi"). Na Fazenda Ipê, Maximiliano Conti construiu uma tulha para café, que posteriormente foi desmontada e mudada de lugar, pelo pessoal da Demétria e agora está localizada embaixo do local onde está sendo construído o novo laticínio, perto do chiqueiro dos porcos, conforme seu Paulo Rosa, que também morou neste local.

Quando a Associação Tobias comprou a Fazenda Tranca de Ferro, esta era propriedade da família Franco. A Fazenda Tranca de Ferro chegava até a Lagoa da Demétria, e para aumentar a área, a Associação Tobias comprou também a Fazenda do



Ipê da família De Lego. Esta família desmontou uma casa de madeira com telhado de zinco e a levou para o Bairro da Roseira onde se estabeleceu novamente e permanece até agora, junto com outros familiares de ascendência italiana.

A Associação Tobias e Marco Bertalot deram o nome de Fazenda Demétria à antiga Fazenda Tranca de Ferro e foi iniciado um trabalho visando desenvolver a agricultura biodinâmica. Após a compra da Fazenda Demétria foi dito que a Fazenda Monjolão chegava até as terras ocupadas pela Demétria e que teriam de devolver as terras. Para clarear este fato houve uma medição de toda a área, mas a Fazenda Monjolão estava fora das terras da Fazenda Demétria.

Como foi a minha relação com a Fazenda Demétria?

Eu sou natural de Angatuba e registrado em Bom Sucesso (hoje Paranapanema), porque era mais perto da fazenda onde nasci. Em 1943, minha família morou em Rubião Junior e com dois anos de idade morei na Fazenda Morrinhos. Depois fui morar perto de Itatinga, depois para Paranapanema e outros lugares. Em 1955 morei em Botucatu, viajei de novo, em 1959 me casei e vim morar em Botucatu, permaneci um ano na Cidade e fui embora novamente. Passei perto de 25 anos em Sorocaba. Em 1985 vim à Botucatu vender gado de leite para o Sr. Acácio, da Usina de Cachaça "Correnteza Torta". Fiquei surpreso com o crescimento da Cidade e decidi ficar por aqui, foi em 9 de março de 1985. Fui na Rádio e coloquei um anúncio oferecendo-me para trabalhar em sítio. Consegui emprego e fui trabalhar inicialmente num sítio perto de Rubião Junior; fiquei 6 meses, logo me mudei para outro sítio e fiquei nele durante 1986. Um dia visitei a Demétria com o Dr. Paulo Mancuzo (Médico Veterinário), que veio vacinar os carneiros de Dona Lote (Kinder House), que se interessou por minha pessoa para trabalhar para ela, mas não deu certo. Já na Fazenda Demétria, onde fomos para tirar sangue das vacas, cuidar dos cascos e crinas das mulas, o Dr. Paulo me recomendou para Jorge Blaich, mas Jorge disse que não tinha serviço para mim no momento, mas que me poderiam chamar depois. Ao terminar o serviço, já estávamos indo embora quando encontramos Jorge novamente na frente da Marcenaria do Gui e, juntamente com Dieter se mostraram interessados em meus serviços quando souberam que eu poderia trabalhar em manutenção de equipamentos, ferramentas, telhados, etc. Eu disse para eles, que além de serviços diversos, eu sabia fazer qualquer serviço de



serralheria. Desta forma, em 20 de outubro de 1986 comecei a trabalhar na Demétria. Após me aposentar ofereceram-me para que eu continuasse trabalhando na Demétria fazendo serviços diversos.

Durante todo esse tempo eu morava na Cidade de Botucatu, por isso pedi para morar na Demétria, mas não havia casa disponível. Construí um barraco e me instalei ao lado da casa onde morou a família Conti. Quando os moradores vizinhos saíram, a casa estava para ser demolida para aproveitamento dos materiais. Mas eu falei para Jorge que o material da casa não serviria para nada, pois estava muito velho e assim salvei a casa de ser demolida.

Devagar fui limpando a casa e três anos atrás tive a idéia de aproveitar alguns materiais, peças antigas e as instalações da casa para fazer um museu. Nessa época, Rubens Laverde me pôs em contato com a Senhora Bosco, neta do casal Sr. Maximiliano Conti e Sra. Santagava Bosco, a quem visitei, e apesar de sua idade avançada me contou algumas histórias e lembranças dela. Esta senhora me informou que Dona Filomena ainda estava viva e que morava com sua filha Ester. Visitei Dona Filomena, que me passou muitas informações sobre sua família e sua casa. Um dia, Maria de Lourdes Conte, também neta dos Conti, me ofereceu fotos antigas de sua família, de Maximiliano Conti, Santagava Bosco, dos filhos do casal e outras fotos que sua família guardava, além de objetos antigos e os doou para o Museu, onde estão atualmente e conservadas com muito orgulho. Temos recebido doações de diferentes pessoas e pouco a pouco o pequeno Museu do Caboclo tem aumentado seu acervo, recuperado parte da história local e permanece como um testemunho dos tempos passados e seu reencontro com o presente. Está contribuindo à conservação daqueles tempos que de outra forma não mais voltariam à memória das pessoas.

